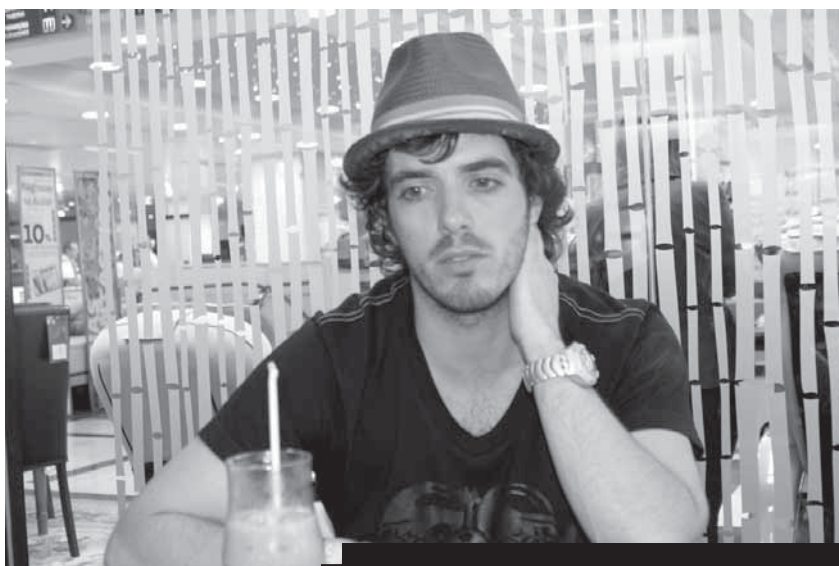


AOS 26 ANOS, RUBEN MADUREIRA ESTÁ DE ALMA E CORAÇÃO NO TEATRO RIVOLI, MAS...

Se me faltar emprego em Portugal, saio do País

Dois amores. Aos 26 anos, Ruben Madureira está “completamente dividido”. A paixão pela música é mais antiga e já o levou mesmo a “deixar tudo” e ir à procura do sonho em Lisboa, para fazer parte do projecto de relançamento da primeira «boysband» portuguesa, os Excesso. A segunda foi correspondida mais tarde, pela mão de Filipe La Féria, quando o jovem actor de Gaia se estreou no musical «Amália», no Porto. Desejos opostos complementam-se. E a solução é simples: nem cantor, nem actor – artista de teatro musical. “É a cereja no topo do bolo”, desabafa. Mesmo a cantar e a representar de manhã à noite no Teatro Rivoli – faz parte do elenco de «Alice no País das Maravilhas», musical infantil com representações bidiárias, e de «Um Violino no Telhado», que sobe ao palco à noite –, Ruben Madureira não põe de lado uma carreira a solo, cujo projecto tem mesmo vindo a desenvolver “nos tempos livres”, ou seja, às segundas-feiras de folga. E nem todas. “Estou a tentar fazer as coisas com cabeça, tronco e membros, para não ser ‘fast food’”, admite, em entrevista ao AUDIÊNCIA, ciente de que a prioridade, de momento, tem um nome: musicais. Com jeito para a bola, que chegou a chutar no «velhinho» campo do Candal, e para as crianças, um dos factores que o fez aceitar, “sem reservas”, o desafio de participar no primeiro musical infantil, o cantor-actor de Gaia, vulgo, artista, diz agradecer “todos os dias a Deus a oportunidade de trabalhar com actores do melhor que há em Portugal” e vai já avisando que, se lhe “faltar emprego” cá, deixa o País. Para estudar. Nos EUA, ou em Londres. O passaporte já está no bolso.



Por Jorge Carvalho

Com três representações por dia – duas, de manhã e à tarde, no musical infantil «Alice no País das Maravilhas» e uma, à noite, n'«Um Violino no Telhado» –, quando pára para respirar?

A preocupação maior tem a ver com um aspecto: a voz. Ninguém pode fazer espectáculos para o público se não tiver voz. Felizmente, sei fazer a gestão da voz, porque também sou cantor e, acima de tudo, porque tenho aulas de voz. Às segundas-feiras, que é o meu dia de folga, tenho sempre aulas de voz, para precisamente ganhar mais resistência. No fundo, é como um jogador de futebol: para jogar os 90 minutos, precisa, a montante, de fazer uma boa pré-época e de treinar todos os músculos. A voz também é projectada pela acção de um músculo, que tem de ser treinado para ganhar consistência e resistência. A jusante, o descanso e a ingestão de água são imprescindíveis. Eu, por exemplo, bebo três litros de água por dia. Não por acaso, a minha voz continua inalterada, mesmo a fazer três espectáculos por dia. A gestão da voz não pode ser descuidada, para não se deitar tudo a perder, razão pela qual procuro sempre dormir, no mínimo, seis horas por dia.

Todos já sabíamos ao que íamos (...) Mesmo com 20 anos, já todos sabíamos o que queríamos da vida. Nunca passou pela cabeça de ninguém que a banda [«Excesso»] pudesse ser o ganha pão de cada um para a vida eterna

Os espectáculos não saem mesmo prejudicados?

Logicamente, participar nos dois musicais, no infantil, de manhã e à tarde, e no sénior, à noite, todos os dias, não é fácil do ponto de vista físico. Sai do corpo. Mas é bom em termos experienciais e materiais. Agora, há uma coisa que nunca pode ser posta em causa: a qualidade dos espectáculos. Vou confessar uma coisa, que é uma vantagem que nem todas as profissões proporcionam: por vezes, é verdade que os actores estão de rastos, mas, quando entram em palco e sentem a presença do público, vão buscar forças que julgavam já não ter. Não é um cliché. O público transmite energia ao actor. Sentimos o peso da responsabilidade, dizemos para nós próprios que não podemos falhar e defraudar a expectativas das centenas de espectadores que vieram ver o espectáculo e tudo sai bem. Quando acaba o último espectáculo, escusado será dizer que estou de rastos.

Com 26 anos, também não é tempo de deitar fora as oportunidades.

Também, mas, acima de tudo, quis participar no 'Alice', porque gosto de crianças. Cheguei, por exemplo, a treinar equipas de Santa Maria nos Jogos Juvenis de Gaia, pelo Centro Cultural e Recreativo do Lugar de Gaia.

Onde ainda vive?

Onde ainda vivo. Mas onde estou muito pouco tempo. Portanto, como adoro crianças, quando me foi posto o desafio de fazer parte do elenco do 'Alice', aceitei sem reservas. Também porque a personagem que interpreto tem a ver com outra das minhas paixões: os animais. Em minha casa, sempre me habituei a conviver com animais. Um animal pode ser, de facto, um bom amigo. E confidente.

Tem animais em casa?

Neste momento, tenho um porco da Índia e um cão. Para mim, é um grande prazer estar a fazer o 'Alice', tanto mais que é a

ENTREVISTA

primeira vez que faço um musical infantil. É inacreditável a reacção que a minha personagem provoca nas crianças. A caracterização deixa-me irreconhecível. Uns choram; outros riem-se perdidamente.

Ficou a gostar mais de musicais infantis?

Não. É o mesmo que comparar leite-creme a chocolate: são os dois igualmente bons, mas diferentes. Com 'Alice' e 'Um Violino no Telhado' passa-se a mesma coisa.

Afinal, hoje, é mais actor do que cantor.

Não.

Mas não tem feito outra coisa que não seja teatro.

Chegado aos 26 anos, confesso que estou completamente dividido. Também eu tenho dois amores. O teatro é mais recente, mas sempre foi um sonho para mim. Felizmente, consegui alcançá-lo. Fui sempre uma espécie de bobo da corte entre os meus amigos, na infância. Cantar e representar acaba por ser a cereja no topo do bolo. Ainda por cima, representar naquela que é a melhor companhia de teatro musical em Portugal. Para mim, é um orgulho. Mas quero mais. Sempre que posso, vejo filmes, para poder aprender e evoluir.

Vê mais filmes e peças de teatro do que ouve música?

Não há dia que eu não ouça música. Aliás, ninguém nos camarins do Rivoli consegue descansar porque eu estou sempre a ouvir música antes de entrar para os espectáculos. Os filmes e a música fazem parte de mim.

É um cantor-actor, ou um actor que canta?

Acho que sou apenas um artista de teatro musical. E um artista de teatro musical canta e representa. Não sou só uma coisa, ou outra. Porque nem tampouco é assim que me sinto. Sinceramente.

Carreira de cantor a longo prazo

Ainda não pôs de parte uma carreira como cantor, depois da experiência nos «Excesso», a primeira «boysband» portuguesa?

A minha carreira de cantor está a ser consolidada. Mas é um projecto de longo prazo. Não está, de facto, posta de parte. Bem pelo contrário.

O objectivo é conciliar a carreira de cantor com o teatro, ou, mais tarde, ou mais cedo, fazer uma opção séria?

Com toda a franqueza, prefiro não me adiantar em relação ao que vai acontecer. Vivo um dia de cada vez. Tenho um projecto



Um português deve ter orgulho em cantar em português. Portanto, a minha carreira a solo será feita a cantar em português. Só admitiria cantar noutra língua se surgisse um contrato milionário para o estrangeiro

musical a solo, que está a ser preparado para o longo prazo. Estou a tentar fazer as coisas com cabeça, tronco e membros. E porquê? Para não ser 'fast food'. A alimentação mais saudável leva sempre algum tempo a fazer. A melhor música também.

E o que é longo prazo?

É longo prazo. Nem eu sei ao certo se são dois, ou cinco anos. Para já, estou a reunir os músicos e as músicas.

A prioridade, para já, é mesmo o teatro musical?

Com a vida que tenho hoje em dia, não sobra tempo para rigorosamente mais nada. Portanto, é preciso fazer a gestão das prioridades. O meu projecto musical a solo não está posto de parte, mas, neste momento, não está à frente de tudo. Assumi uma responsabilidade com Filipe La Féria para fazer 'Alice' e 'Um Violino' e tenho de ir até ao fim. Mas não por obrigação. Estou a fazer aquilo de que gosto. O projecto musical é para ser trabalhado nos tempos livres, como nas minhas folgas, por exemplo.

Não é em Lisboa que estão as oportunidades, também no mundo do espectáculo?

Por vezes, as oportunidades estão à porta de casa. Sem se dar conta. O Porto, por exemplo, tem óptimas companhias de teatro musical. A diferença é que, se calhar, não têm tantos meios técnicos como as de Lisboa. É preciso procurar bem e ter vontade de trabalhar. Sem vontade, nada feito. Outra verdade: se não formos nós a fazer alguma coisa por nós, ninguém faz. Temos mesmo de meter mãos à obra, porque a vida de artista não é nada fácil. Por incrível que possa parecer, não me vejo a fazer outra coisa. Portanto, vou ter

de lutar até ao fim dos meus dias. E ainda bem. Tenho uma maneira de ser que está plasmada na personagem que interpreto no 'Alice', que é o gato: não consigo estar parado. Tenho muito o espírito do português, do desensancão: se não dá com um prego, dá com um parafuso.

E isso aprendeu na rua, em Santa Marinha, ou já no teatro?

Aprendi com os meus pais. E com o futebol.

Quando jogava no Candal?

Também.

Nunca quis ser jogador de futebol?

Sinceramente, não. Gosto muito

de futebol, sou portista de alma e coração, mas, quando tive de optar entre o futebol e a música, optei pela música. Se gostasse assim tanto de futebol, não tinha ido para Lisboa. E razões não me faltavam para ficar: os meus pais, que, inicialmente, por motivos óbvios, não gostaram muito da ideia de deixar sair de casa um filho com apenas 20 anos para ir viver numa cidade como Lisboa, o futebol, os amigos, o Porto. Os meus pais tiveram alguma dificuldade em perceber o que estava a acontecer, porque eu ia cantar a festivais, ficava em primeiro lugar e era convidado a participar em espectáculos em que já havia dinheiro envolvido. Chegaram

mesmo a dizer-me que no futebol é que eu estava bem. Mas, a partir do momento em que me apercebi que havia uma janela aberta pela qual eu podia passar para atingir aquilo que queria, não olhei para trás. Deixei tudo. E tinha feito uma grande época nos seniores do Candal. Hoje, os meus pais vivem felizes porque eu estou feliz.

Tinha jeito para o futebol?

Dizem que tinha. E devia ter. Não era à toa que era o único júnior que jogava a titular nos seniores.

Em que lugar jogava?

Na defesa, jogava em qualquer lugar. Naquela época, joguei sempre a defesa direito.

Ainda no «velhinho Rei Ramiro»?

Ainda no antigo 'Rei Ramiro'.

Se aquele túnel de acesso aos balneários falasse...

[Gargalhada] Se aquele túnel falasse, tinha muitas histórias para contar. Indiscutivelmente. Sempre tive uma forte ligação ao desporto, porque o meu pai foi treinador de atletismo do FC Porto e da selecção. Chegou mesmo a ser campeão nacional pelo FC Porto. Para onde quer que ele fosse, eu ia atrás. Normalmente, ia atrás dele para os treinos, no Estádio do Maia. Curiosamente, nunca tive interes-

«EXCESSO»

Não me envergonho de nada do que fiz

Com que idade saiu de casa para participar no relançamento dos «Excesso»?

Fui para Lisboa com 20 anos. As coisas acontecem quando têm de acontecer. Depois, cabe a cada um fazer opções. Podia não ter ido para Lisboa, mas decidi ir. A vida é feita de opções.

Não acredita no destino?

Acredito que posso controlar a minha vida. Para o bem e para o mal. Na altura, com 20 anos, tomei a decisão de sair de casa e ir viver para Lisboa. Não me arrependi absolutamente de nada. Aliás, foi assim que começou a minha carreira.

Quase por acaso, ou sempre soube o que queria?

Sabia o que queria, mas não dependia apenas de mim para lá chegar. Tinha de ter uma oportunidade. Quando surgiu, não a desperdicei. Porque sabia que era o caminho que tinha de fazer para chegar ao meu destino.

A banda não tinha já os dias contados?

Era, de facto, um projecto arriscado, como se comprovou ao fim de dois anos. Mas também é verdade que fui para Lisboa com a certeza de que não era aquilo que eu queria para o resto

da minha vida.

Então?

O propósito de qualquer cantor é ter um projecto a solo. Eu não fugia à regra. Os 'Excesso' foram apenas uma rampa de lançamento para a minha carreira profissional. Mas quero também deixar claro um aspecto: não me envergonho de nada do que fiz. Repito: se fosse hoje, voltava a fazer tudo na mesma. Os dois primeiros anos nos 'Excesso' foram incríveis. Tenho de agradecer à experiência que vivi com a banda o facto de hoje praticamente conhecer Portugal de lés a lés.

As ambições individuais acabaram por precipitar o fim dos «Excesso»?

Não. Todos já sabíamos ao que íamos. No fim, cada um seguiu a sua vida. Uns continuaram ligados à música, outros foram para a faculdade. Mesmo com 20 anos, já todos sabíamos o que queríamos da vida. Nunca passou pela cabeça de ninguém que a banda pudesse ser o ganha pão de cada um para a vida eterna. Os 'Excesso' foi uma fase na minha vida. Provavelmente, a introdução. Agora, já estou na fase do desenvolvimento. E quero ver como vai ser a conclusão.

se pelo atletismo. Enquanto o meu pai e os atletas andavam a correr às voltas da pista de tartan, eu estava com uma bola no relvado a chutar à baliza. Como estudava perto do campo do Candal, juntei o útil ao agradável: inscrevi-me nas escolinhas. Até ir para Lisboa, joguei no Candal. E concluí o 12.º ano.

Não entrou na faculdade?

Tenho tempo. Quando for, vou a sério. Mas não cá.

Está a pensar emigrar?

Estou. Melhor: não estou a pensar – tenho a certeza de que o vou fazer. Só falta mesmo saber quando.

Vai para os Estados Unidos, ou para Londres?

Ainda não decidi para onde vou, mas agrada-me a ideia de um e outro. É quase indiferente ser nos Estados Unidos, ou em Londres.

É uma despedida anunciada?

Se me faltar emprego em Portugal, ninguém duvide que a primeira coisa que faço é sair do País. O primeiro passo está dado: acabei de tirar o passaporte.

Não há escolas de teatro de qualidade em Portugal?

Ainda não. Mas vai passar a haver quando Filipe La Féria abrir a escola de teatro musical em Lisboa, no Olympia. Espero bem que os ainda mais novos do que eu estejam atentos, porque não perdem nada em aprender.

Só teatro musical

Antes tivesse chegado mais cedo ao teatro?

Quem me dera a mim ter tido a oportunidade que os jovens actores do Rivoli tiveram. Com a idade de alguns deles, se queria fazer teatro, tinha de o fazer na colectividade do Lugar de Gaia. É uma bênção para os mais jovens terem salas com 800 espectadores, todos os dias, a aplaudir o trabalho que estão a fazer. Quem me dera também ter tido a felicidade de, com 11 e 16 anos, estar a ser ensinado por Filipe La Féria, que, sentado na plateia, interrompe o ensaio, por exemplo, e dá uma verdadeira aula de uma hora em que se aprende realmente. Qual faculdade, qual carapuça. Mesmo assim, acho que entrei na altura certa. Tenho aprendido imenso. E tenho agradecido todos os dias a Deus a oportunidade de trabalhar com actores do melhor que há em Portugal. Gostava mesmo de agradecer a actores como José Raposo, Rita Ribeiro, José Falcão, Joel Branco, ou José Pinto, que é meu vizinho há muitos anos e eu nem sequer sabia. Quando vêem que os mais novos querem, guiam-nos. Dão-nos linhas de luz para as seguirmos. É um privilégio, de facto,



poder partilhar o palco com actores de uma experiência e competência assinaláveis. O Joel Branco, por exemplo, acabou de fazer 45 anos de carreira. Quem me dera poder um dia fazer 45 anos em cima de um palco. O José Pinto tem 80 anos e todos os dias mostra uma energia inesgotável. É fantástico.

Também gostava de morrer em palco?...

Logicamente. Morria feliz. Quer fosse a dar um concerto a solo, quer fosse a fazer teatro musical, morreria descansado. Não era à toa que a Amália dizia que cantaria até que a voz lhe doesse. Só espero que a mim nunca me doa.

É católico?

Não. Pode parecer estranho, mas, de facto, não sou católico e tenho fé. Se vou igreja? Não. Mas não porque tenha alguma coisa contra as igrejas ou contra a fé cristã.

E também não é supersticioso?

Não. Mas também é curioso: não sou, de facto, supersticioso, mas, quando jogava futebol, entrava sempre em campo com o pé direito. E cada vez que entro em palco, faço-o com o pé direito.

Não vá o Diabo tecê-las?

Não acredito em bruxas, mas que as há, há [risos].

É mais persistente do que orgulhoso?

Sou persistente. Um dos meus defeitos, por exemplo, é o de tentar ser perfeccionista. Dou muitas vezes por mim à procura da perfeição. Nunca me dou contente até sentir que estou a fazer bem. Às vezes, luto mesmo contra mim próprio. No Rivoli, há momentos em que me isolo e não quero ver ninguém. Para reflectir. E, mais importante, para esquecer tudo e poder saltar para o outro lado.

Música

Ouro está no Porto

Vai cantar sempre em português?

Um português deve ter orgulho em cantar em português. Portanto, a minha carreira a solo será feita a cantar em português. Só admitiria cantar noutra língua se surgisse um contrato milionário para o estrangeiro.

Que tipo de música ouve?

Gosto de jazz, rock, funk, pop, Fado... Ouço de tudo, mas, se tivesse de viver sempre numa época, viveria na dos anos 80. Só ouço música dos anos 70, 80 e 90.

Mas não é do seu tempo.

Pois não. Eu nasci em 1982, mas, se gosto de música feita noutra época, que posso fazer?

Quem lha deu a conhecer?

Obviamente, sofreu influências do meu pai e da minha mãe. Quando ouvi pela primeira vez a sonoridade da música dos anos 70 e 80, fiquei rendido. Hoje em dia, procuro estar sempre atento ao que vai surgindo no mercado português e estrangeiro, mas só compro quando vale realmente a pena.

Também gosta de Fado?

Gosto. Depois de ter participado no 'Amália', fiquei fã.

Mas não era?

Não. Passei a gostar a partir do momento em que fiz o musical de La Féria. Não ligava muito, de facto, mas, depois de ter percebido melhor o que Amália queria dizer, passei a adorar.

Amália ou Mariza?

Amália. Indiscutivelmente. Amália chorava as palavras que dizia.

Hoje, não há música de qualidade?

Há. E bem perto.

No Porto, por exemplo?

No Porto. É no Porto que estão alguns dos ícones da música portuguesa. O ouro está no Porto.

Bandas, nunca mais?

Porquê? Não posso cantar sem ninguém no palco.

O actor é uma espécie de louco?

Um actor é louco. E é louco porque é um privilegiado. Afinal, pode ser qualquer coisa no Mundo. Pode ser o que quiser. E é preciso ser louco para se fazer passar por mendigo, ou por lenda.

Também gostava de tentar o teatro clássico?

Não. Só quero teatro musical. Ponto final. Gosto de ver as interpretações dos grandes actores portugueses, mas não tenho mais nenhum interesse pelo teatro clássico que não seja no papel de espectador.

Não concorda com os que dizem que o teatro a sério é o clássico?

Não. De todo. Para mim, as coisas são bem claras: teatro é teatro. Seja clássico, ou musical. É como a música: música é música. Em todo o lado. Agora, o que acontece é que uns gostam de um determinado tipo de música e outros de outro. Mas a

música é universal, assim como o teatro. Quem não gosta de teatro musical tem todo o direito de não ir ver e preferir assistir a peças de teatro clássico. O mesmo se passa com alguém que gosta mais de teatro musical. Se não gostar de nenhum, pode sempre ir ver revista à portuguesa.

Também é dos que preferem «Jesus Cristo Superstar» a todos os outros musicais de Filipe La Féria no Teatro Rivoli?

O 'Jesus Cristo Superstar' foi o primeiro espectáculo produzido por Filipe La Féria no Rivoli. Depois de um ano e meio sem fazer nada, quando acabou o 'Amália', fomos chamados para um 'casting' e voltámos a estar todos juntos. O que foi fantástico. Ficámos e levantámos de raiz o 'Jesus Cristo'. Foi marcante. Eu, o Ivo Dias e o Carlos Meireles somos os sobreviventes da companhia que se manteve no Porto, já lá vão cinco/seis anos.